



TOSHIKAZU KAWAGUCHI



Antes que o Café esfrie. 3



Tradução

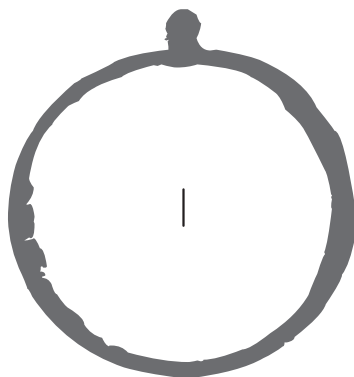
Jefferson José Teixeira

valentina



Rio de Janeiro, 2023

1ª Edição



A FILHA

– Oi! Por que está em Hokkaido? Pode me explicar o que está acontecendo? – A voz aguda de Kei Tokita ressoa do outro lado da linha.

– Olha, você precisa manter a calma, ok?

Nagare Tokita ouve a voz da esposa pela primeira vez em quatorze anos, mas não tem tempo para se alegrar.

Ele está morando em Hokkaido, na cidade de Hakodate.

Hakodate conta com muitos prédios em estilo ocidental construídos no início do século XX. Pela cidade, por toda parte se avistam sobrados de construção singular, com o andar térreo em estilo japonês e o superior em estilo ocidental. Motomachi, o histórico bairro residencial de estrangeiros situado no sopé do Monte Hakodate, é famoso por abrigar pontos turísticos, como o antigo Salão Público da Ala Hakodate, o poste de luz em formato quadrangular mais velho do Japão e os armazéns de tijolos vermelhos na área da baía.

Kei, a interlocutora de Nagare ao telefone, está em Tóquio, no Funiculi Funiculà, o “café da viagem no tempo”. Ela viajou do passado quinze anos no futuro para encontrar a filha. Porém,

Kei só poderá permanecer no café pelo curto período até o seu café esfriar. E por estar na ilha de Hokkaido, no norte do Japão, Nagare não faz ideia de quanto tempo ainda resta.

Por isso, ele precisa explicar o assunto de forma sucinta.

– Não tenho tempo. Ouça bem, por favor.

– Como assim não tem tempo?!

Por motivos óbvios, Kei também está totalmente ciente da própria falta de tempo.

– Sou eu que não tenho tempo! – Sua maneira de falar é ríspida. Mesmo assim, Nagare continua imperturbável.

– Tem uma garota aí com jeito de colegial?

– O quê? Uma colegial? Sim, ela está aqui. A que visitou o café há umas duas semanas; ela veio do futuro para tirar uma foto comigo.

Para Kei é uma lembrança de duas semanas atrás, mas para Nagare é algo ocorrido há quinze anos. No entanto, ele precisa confirmar para evitar enganos. Existe a possibilidade de haver, por pura coincidência, outra adolescente no café agora.

– Os olhos da garota são grandes, bem arredondados e ela veste uma blusa de gola rulê?

– Sim, isso. O que tem ela?

– Acalme-se e ouça. Houve um equívoco e você está agora quinze anos no futuro.

– Eu já disse, mal consigo te escutar.

Justo quando Nagare tenta falar algo importante, sopra um vento forte. Kei praticamente não ouve nada devido ao efeito do chiado provocado pela rajada no telefone. No entanto, o tempo urge e ele precisa se apressar.

– Seja como for, a garota na sua frente... – sua voz naturalmente se eleva.

– Hã? O quê?

– É a nossa filha.

– Q-quê?!

O telefone na mão de Nagare volta a silenciar. Em lugar da voz de Kei, ele ouve o *drim, dong* do relógio de parede do Funiculì Funiculà badalando várias vezes. Nagare solta um breve suspiro e começa a explicar a complicada situação envolvendo a esposa.

– Você planejou viajar dez anos para a frente, mas houve algum erro e foram quinze. Parece que houve uma confusão, e dez anos e 15h se transformaram em quinze anos e 10h.

– Ah, hum.

– Quando você voltou do futuro, a gente ficou sabendo disso, mas agora estamos em Hokkaido por motivos inevitáveis que não posso explicar porque não daria tempo...

Nagare fala até ali com celeridade. Depois de respirar fundo, prossegue.

– A garota na sua frente é a nossa filha. Você não tem muito tempo sobrando, então apenas fique olhando a nossa filha toda crescida e saudável e depois volte para casa – sugere docemente e desliga.

– Ah, tá bem. Certo – responde Kei com a voz fraca.

Do local onde está, Nagare pode vislumbrar, lá do alto, uma ladeira estendendo-se em linha reta até a azulada Baía de Hakodate. Ele gira nos calcanhares e volta para o café.

DA-DING-DONG

Hakodate é uma cidade repleta de ladeiras. Entre elas, a Ladeira Nijikken, que se estende a partir do mais antigo poste de luz do Japão, produzido em concreto, e a Ladeira Hachiman, que se situa próximo aos armazéns de tijolos vermelhos na área da baía, famoso ponto turístico da cidade. Da frente das docas de Hakodate partem as ladeiras Uomi e Funami, e na sequência vêm as ladeiras Asari e Aoyagi, que seguem na direção do bairro de Yachigashira. No total, são dezenove.

Misturadas entre tantas, existe uma desconhecida dos turistas. O poder público não a batizou. Por isso, ela é chamada pelo pessoal de Hakodate de Ladeira Sem Nome.

O café onde Nagare trabalha fica bem no meio dessa ladeira. O nome do estabelecimento é Café Donna Donna.

Há uma estranha lenda urbana associada a uma das cadeiras desse café. Reza a lenda que apenas enquanto se está sentado nessa cadeira específica é possível viajar no tempo para o momento que se deseja. Porém, há algumas regras irritantes, e bota irritantes nisso:

- 1. Você só pode encontrar no passado pessoas que já estiveram no café.*
- 2. Você não pode fazer nada no passado para mudar o presente.*
- 3. Na cadeira que permite voltar ao passado, e há somente uma, tem um cliente sentado. Você precisa esperar que ele ou ela se afaste da cadeira.*
- 4. No passado, você precisa ficar sentado no mesmo lugar e não sair dele em nenhum momento.*
- 5. Há um limite de tempo. A permanência no passado terá início quando o café for servido e você precisará voltar antes que ele esfrie.*

E as regras irritantes não se limitam a essas cinco principais. Apesar disso, hoje, mais uma vez, um cliente que ouviu falar da tal lenda urbana visitará o café.

Quando Nagare retorna depois de terminada a ligação, Nanako Matsubara, sentada em um dos bancos ao balcão, logo o questiona.

– Não teria sido melhor você ter ficado em Tóquio?

Nanako é aluna da Universidade de Hakodate. Antenada às tendências atuais da moda, veste um tomara que caia bege

pra dentro da calça baggy folgadona. Usa maquiagem leve e os cabelos, com luzes bem discretas, estão presos desleixadamente atrás da cabeça.

Nanako ouvira que a falecida esposa de Nagare apareceria hoje no café em Tóquio, vinda do passado, para visitar a filha deles. No entanto, ela achava estranho que, apesar de ser uma oportunidade única de reencontrar a esposa após quatorze anos, Nagare não tivesse ido para lá, limitando-se a conversar com ela por telefone.

– Hum, talvez... – Nagare responde de maneira ambígua, dá a volta pelas costas de Nanako e vai para trás do balcão.

Sentada ao lado de Nanako, Saki Muraoka lê um livro com o semblante sonolento. Saki é médica e trabalha no departamento de psiquiatria de um hospital de Hakodate. Tanto ela como Nanako são clientes habituais do café.

– Por que você não foi reencontrar sua esposa?

Nanako fixa um olhar de pura curiosidade em Nagare, um homenzarrão de quase dois metros de altura.

– É que, você sabe, no caso...

– O quê?

– Ela não veio me ver, e sim a nossa filha.

– Mesmo assim.

– Está tudo bem. Eu guardo com carinho as lembranças do que vivemos juntos desde que nos conhecemos e...

Ele quer demonstrar com isso o quanto deseja que o tempo em que mãe e filha estarão juntas seja bem aproveitado.

– Nagare, você é *muuuuito* gentil! – declara Saki, enfática.

– Não precisa exagerar – diz enquanto as orelhas ficam vermelhas.

– Você é que não precisa ficar envergonhado!

– Não estou, não – discorda e logo vai para a cozinha como se precisasse fugir.

No lugar dele, vinda da cozinha, aparece Kazu Tokita. Ela é garçõete no café. Veste uma blusa branca, saia de babados, bege

e um avental azul-claro. Este ano completa 37 anos, mas seu jeito livre e despojado faz com que aparente menos idade.

– Até que pergunta você foi?

Quando Kazu volta para trás do balcão, Nanako logo muda de assunto.

– Quê? Ah, eu já estou na... vigésima-quarta – responde a dra. Saki. Sentada ao lado, ela avança avidamente na leitura de um livro sem manifestar qualquer interesse pela conversa entre Nanako e Nagare.

– Bem, falando nisso...

Sussurrando como se recordasse algo, Nanako dá uma espiadinha no livro que Saki tem nas mãos.

Saki volta algumas páginas e lê em voz alta:

“O que você faria hoje se o mundo acabasse amanhã?: 100 perguntas.

Pergunta nº 24.

Há um homem ou uma mulher que você ama.

O que você faria hoje se o mundo acabasse amanhã?

1. Eu pediria em casamento.

2. Como de nada adiantaria, eu não pediria.”

– Então, qual você escolhe? – Saki afasta depressa os olhos do livro e fita o rosto de Nanako ao seu lado.

– Ah, deixa eu pensar...

– Vamos lá, 1 ou 2?

– E a doutora Saki... optaria por qual?

– Eu? Eu talvez pedisse.

– Por quê?

– Não gostaria de morrer arrependida.

– Interessante.

– Não me diga que você, Nanako, não pediria?

Ao ser perguntada, Nanako torce de leve o pescoço e responde em voz baixa.

– Bem, se eu tivesse certeza absoluta de que ele me ama, eu pediria, mas se duvidasse do sentimento dele por mim, eu talvez não...

– Sério? Por que não?

Saki parece estar com dificuldade de assimilar bem a explicação de Nanako.

– Se eu estivesse certa do amor desse homem por mim, eu não estaria causando a ele um dilema com a minha proposta, entende?

– Hum. É... acho que você tem razão.

– Porém, se ele não sentisse nada de tão especial por mim e eu o pedisse em casamento, eu odiaria caso ele se visse obrigado a pensar em mim de forma diferente e acabasse se sentindo encurralado.

– Ah, e isso acontece muito, com certeza. Sobre tudo com os homens. Como quando um ganha chocolate no Dia dos Namorados de alguma mulher pela qual nunca sentiu nada de especial e de repente precisa vê-la com outros olhos.

– Eu não gostaria de acrescentar mais uma preocupação justo quando o mundo está prestes a acabar. E se ele pedisse um tempo para pensar, então seria eu a me sentir mal, né? Por isso, talvez eu não pedisse, apesar de achar que possa ser algo significativo.

– Nanako, estou sentindo que você está levando isso muito a sério, não?

– Estou? Você acha?

– Com certeza! Até porque o mundo não vai acabar amanhã.

– Sem dúvida.

Esse papo já estava rolando desde antes, quando Nagare saía para telefonar.

– A propósito, qual você escolhe, Kazu?

Nanako inclina o corpo sobre o balcão.

Saki olha curiosa na direção dela.

– Bem, eu...

DA-DING-DONG

– Olá! Bem-vindo.

Ao ouvir a campainha, Kazu, num reflexo condicionado, lança o cumprimento na direção da porta de entrada do café. Em um instante, seu rosto se transmuta para o de garçoneiro. Nanako e Saki se dão conta disso e não insistem para que responda.

Quem entra não é um cliente, mas uma menina de vestido rosa-claro.

– Cheguei! – ressoa sua voz animada.

Ela carrega uma pesada bolsa atravessada no ombro e traz na mão um cartão-postal.

Seu nome é Sachi Tokita. Filha de Kazu, ela acaba de completar sete anos. O pai, ou seja, o marido de Kazu, é um fotógrafo de renome internacional. Ele se chama Koku Shintani. Apesar de ter adotado o sobrenome Tokita após o casamento, em suas atividades como fotógrafo conservou o nome de nascença. Seu trabalho consiste em percorrer diversas regiões do planeta fotografando paisagens. Volta ao Japão uma vez por ano e só por poucos dias. Por isso, com frequência envia a Sachi cartões-postais que ele mesmo produz com as fotos tiradas nos locais que visita.

– Bem-vinda de volta! – cumprimenta Nanako.

Kazu olha para o jovem logo atrás de Sachi.

– Bom dia.

O rapaz é Reiji Ono, funcionário que trabalha em jornada de meio período no café. Está vestido de modo casual com calça jeans e camiseta branca. Deve ter subido a ladeira às pressas, pois ofega um pouco e tem gotas de suor na testa.

– A gente chegou junto por acaso.

Sem ninguém ter perguntado, ele explica o motivo de terem entrado quase ao mesmo tempo, e vai direto para a cozinha. Do salão, dá para ouvi-lo cumprimentando Nagare.

Logo se iniciam os preparativos para o almoço, que começará em duas horas.

Sachi se senta à mesa ao lado da grande janela de onde é possível apreciar o Porto de Hakodate. Age do mesmo jeito de quando se acomoda à escrivaninha do seu quarto.

Além de Nanako e Saki, há apenas um idoso cavalheiro vestido de preto, sentado à mesa próxima à porta, e uma mulher com idade semelhante à de Nanako numa mesa de quatro lugares. Essa cliente está ali desde a abertura do café e se limita a contemplar a paisagem pela janela.

O café abre às 7h. Começa a funcionar tão cedo assim para atender os turistas que vêm visitar o famoso mercado matutino.

Sachi coloca sua bolsa sobre a mesa, produzindo um inesperado baque alto e grave.

– Eita! Você foi de novo pegar livros na biblioteca? – pergunta Nanako indo se sentar em frente a ela.

– ã-hã.

– Você gosta mesmo de ler livros, né?

– ã-hã.

Nanako sabe que é costume de Sachi ir, nos dias de folga da escola, à biblioteca bem cedinho pegar livros emprestados. Nesse dia, não houve aula por ser a data de comemoração da fundação da escolinha onde ela estuda.

Sachi começa a alinhar, toda prosa, os livros sobre a mesa.

– O que você costuma ler?

– Ei, eu também estou curiosa. De que tipo de livro você gosta, Sachi? – Do balcão, a dra. Saki Muraoka também se inclina para ver.

– Cadê, mostra pra gente. – Nanako estende a mão em direção aos livros enfileirados. – *O desafio dos números imaginários e inteiros.*

Saki a imita e pega outro.

– *Apocalipse em um universo finito.*

– *Mecânica quântica moderna e a dieta perfeita.*